

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
DO CINEMA DE ESTADO AO CINEMA FORA DO ESTADO: GUINÉ-BISSAU
A CINEMATECA COM O INDIELISBOA
27 de Maio de 2024

NOME / 2023

um filme de **Sana Na N’Hada**

Realização: Sana Na N’Hada / **Argumento:** Virgílio Almeida, Olivier Marboeuf / **Fotografia:** João Ribeiro / **Música original:** Remna Schwarz / **Montagem:** Sarah Salem / **Som:** Tristan Pontécaille / **Com:** Marcelino Antonio Ingira (Nome), Binete Undonque (Nambú), Marta Dabo (Cuta), Helena Sanca (Quití), Paulo Intchama (Tó), Abubacar Banóra (Espírito), Ninha Lúcia Lopes (Djalam), Jorge Quintino Biaguê (Sem Pescoço), Mário Paulo Mendes (Togara), Vladmir Mário Vieira (Tué), Oksana Isabel (Buinhi-Deusdada), etc.

Produção: Lx Filmes (Portugal), Spectre Productions (França), Geba Films (Guiné-Bissau), Geração 80 (Angola) e The Dark (França) / **Produtores:** Luís Correia, Olivier Marboeuf / **Cópia:** em DCP, cor e preto e branco, legendado em português e electronicamente em inglês / **Duração:** 112 minutos / **Estreia comercial:** 13 de Março de 2024, França / Primeira exibição na Cinemateca.

com a presença de Sana Na N’Hada

Nome é a terceira longa-metragem de Sana Na N’Hada. Estreada numa secção paralela do Festival de Cannes em Maio de 2023 (ACID), o filme marcou o regresso de N’hada a Cannes, depois de **Xime** (1994), a sua primeira longa-metragem ficcional ter aí sido mostrada na secção “Un Certain Regard”, o que a conferiu N’hada o reconhecimento internacional que hoje tem. Entre ambas realizou um par de documentários – **Nossa Guiné** (2005) e **Os Escultores de Espíritos** (2015) –, mas também a longa **Kadjike** (2014), continuando **Nome** o caminho iniciado por **Xime**.

Obra de cariz manifestamente ficcional, **Nome** desenvolve-se nos interstícios de um cinema documental, pois às imagens de ficção, cuja luminosa fotografia cabe ao português João Ribeiro, juntam-se imagens de arquivo relativas às lutas de libertação da Guiné-Bissau, algumas delas filmadas pelo próprio Sana Na N’Hada. Isto porque, como temos referido a propósito de vários filmes por estes dias exibidos na Cinemateca, num ciclo dedicado ao cinema da Guiné, ainda muito jovem Sana Na N’hada documentou a guerra da independência depois de estudar cinema no Instituto de Artes e Indústrias Cinematográficas de Cuba, para onde foi enviado entre 1967 e 1973 juntamente com outros jovens guineenses por Amílcar Cabral e pelo PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde). N’hada, Flora Gomes, Josefina Lopes Crato e José Bolama formavam um grupo de estudantes que teria como missão aprender cinema para regressar ao seu país e documentar a guerra da independência da Guiné-Bissau face a Portugal, e assim participar do esforço colectivo da guerra, não com uma arma na mão, mas com uma câmara. Sana Na N’hada partirá assim desta experiência para

construir um cinema que, tanto questiona o passado colonial do seu país, como reflecte sobre a progressiva destruição de modos de vida tradicionais na sua relação com o passado e o tempo presente.

Nome tem como protagonista uma personagem que tem “Nome” como nome (Marcelino Antonio Ingira). Nome particular, mas ao mesmo tempo genérico, que confere à personagem uma dimensão ultrapassa a dimensão individual, simbolizando todos os guerrilheiros. A narrativa do filme inicia-se em 1969, em plena Guerra Colonial com Portugal, em que se assiste a uma grande angariação de jovens nas aldeias da Guiné-Bissau pelo PAIGC para participarem no esforço do conflito armado. Mas antes de enveredarmos na guerra, assistimos ao quotidiano de Nome na sua aldeia, à relação estreita que mantém com a mãe, ou à chegada de Nambú (Binete Undonque) à sua aldeia, jovem rapariga por quem se apaixona e que engravidará, o que levará Nome a deixar a terra natal e a juntar-se aos guerrilheiros no mato.

Paralelamente à história de Nome e da sua entrega à luta armada, Sana Na N’Hada, desenvolve o filme em várias linhas narrativas paralelas que evocam tempos e mundos diferentes. Assistiremos à história de Nambú, outra personagem forte, que a dada altura perde a voz, e à história da filha de ambos, que nasce e por uma fatalidade do destino é separada da sua mãe, mas também à de Raci, construtor de bombolons que evoca a infância do realizador, ou à “história” de um espírito que atravessará todo o filme. Aparição entre o domínio do sonho e da realidade, que comenta e acompanha de perto o destino das restantes personagens, conferindo a **Nome** uma dimensão muito singular. Sana Na N’Hada revisita assim os seus anos de juventude com uma abordagem directa, mas simultaneamente espiritual, que envolve um pensamento mágico e animista próprio da tradição africana, em que a natureza – e aqui muito concretamente as árvores – tem um papel muito particular na evocação de um tempo ancestral que coincide com o tempo presente. Como se afirma a dada altura no filme, é a “floresta que nos dá tudo”.

Regressando no final da guerra como um herói, Nome simboliza também a pouca fé no futuro por parte de muitos jovens que não encontraram o lugar desejado na sociedade guineense, depois de muitos anos de esforço na guerra. Um sentimento de descrença que em Nome culminará numa prática de corrupção e na alta criminalidade, mas Nome simbolizará também a corrupção de um país no pós-guerra num filme manifestamente coral. Como confessa o realizador numa entrevista recente: “É revoltante. Tudo o que está a acontecer na Guiné-Bissau. Tudo, desde o fim da guerra até agora, bom ou mau, é da nossa responsabilidade. A única coisa que nos juntava e a única coisa que nos juntou até hoje foi a Guiné-Bissau. Antes, o desígnio era a edificação da Guiné-Bissau. Hoje, temos a Guiné. A minha questão para este filme é a que faço todos os dias: será que é essa a Guiné-Bissau que estou a sentir, que estou a ver e a ouvir, pela qual lutámos?” A utopia das revolução guineense é assim confrontada com uma crítica do tempo presente, numa visão que não abandona a esperança.

Joana Ascensão